

CONCEPÇÕES SOBRE O ESTUDAR DE ALUNOS DO CURSO DE TÉCNICO INTEGRADO DE AGROPECUÁRIA DO IFPE CAMPUS BELO JARDIM

Paula Bergantin Oliveros(1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – paula.bergantin@belojardim.ifpe.edu.br

RESUMO: Estudar é etapa essencial no processo de aprendizagem. Muitos professores reclamam que o baixo desempenho do aluno se refere ao fato do mesmo não estudar adequadamente. Para que essa situação possa ser trabalhada o primeiro passo é saber o que os discentes entendem por estudar. O objetivo dessa pesquisa foi levantar concepções sobre o que é, para que e como deveria ser o estudo, bem como o que o leva, ou não, a estudar. Foi realizado por meio de um questionário com cinco questões abertas, aplicado em sala com noventa e quatro alunos do curso de agropecuária dos três anos. A análise das respostas se deu por meio da Análise de Conteúdo com um enfoque qualitativo e quantitativo. Como resultado percebe-se que os alunos acreditam que estudar é uma maneira de formar e aprofundar conhecimentos, bem como pode auxiliá-los em um futuro melhor e conseguir um bom emprego. Além disso, se preocupam em obter notas e passar de ano e que estudar é sinônimo de assistir aula. Ademais, citam a influência do professor e fatores pessoais no que estimula ou desestimula o estudo. Essas informações ajudam a clarificar o que é esse processo para o aluno, bem como permite ao professor se adaptar e incentivar bons hábitos e habilidades de estudos.

Palavras-chave: concepções, alunos, estudar.

1. INTRODUÇÃO

É comum encontrar professores insatisfeitos com a apreensão dos conteúdos, procedimentos e atitudes por parte dos alunos. De acordo com Watanabe *et al* (2001, *apud*, Fonsêca *et al*, 2013) há uma percepção que os discentes nos diversos níveis de ensino não apresentam hábitos de estudos definidos, e essa prática essencial não é estimulada pela maioria dos professores.

Os autores relacionam esse fato com os baixos índices de desempenho acadêmico, tanto em escolas públicas quanto privadas. Esse baixo desempenho pode levar à um mal desenvolvimento do aluno, podendo culminar em reprovação e evasão escolar. De acordo com Piazzzi (2009), muitos alunos brasileiros, de qualquer idade e curso, não estudam para aprender, mas sim para tirar nota. Diz ainda, que temos um sistema escolar com milhões de alunos, mas poucos estudantes.

O primeiro passo é buscar entender o que significa estudar. Para Madaleno (2011), é um processo de aprendizagem complexo, multidimensional e multifacetado. Além disso, possui um grande significado pessoal. Do ponto de vista mais técnico, são inúmeros comportamentos e características, tais como números de horas de estudo, planificação das tarefas, organização do

tempo, do material, ler um texto, eger informações, tomar notas, escrever textos, responder questões, etc.

Boruchovitch (1999) defende que, para um bom desempenho, além das capacidades técnicas, o aluno precisa desenvolver consciência de seus processos mentais e grau de compreensão: ser mais eficaz no uso e na seleção de estratégias de aprendizagem e ser capaz de dizer quando não entendeu algo, pois está monitorando sua compreensão. (BORUCHOVITCH, p.2, 1999).

O professor deve atuar como promotor da aprendizagem e desenvolvimento, assegurando ao aluno a oportunidade de conhecer várias estratégias de aprendizagem e de estudo que coexistem. É importante ter em mente que, muitas vezes, os conteúdos vistos no período escolar podem ter curta durabilidade, e essas habilidades tem a possibilidade de serem mais perduráveis na vida. (BORUCHOVITCH, 1999; ALMEIDA, 2002; AVEIRO, 2014).

Dada a importância do ato de estudar para o desenvolvimento cognitivo, antes de se preparar alguma intervenção que possa instruir quanto a hábitos e habilidades de estudos, deve-se saber quais concepções os alunos já possuem sobre o mesmo. Para este trabalho entende-se concepção como, forma de consciência de algo resultante de uma relação interna entre sujeito e objeto, ou seja, uma ideia geral do que sabe-se de experiência (GRACIÓ; CHALETA; ROSÁRIO, 2007)

Assim, essa pesquisa objetivou constatar as concepções dos alunos quanto ao que é estudar, para que estuda e o que o leva, ou não, a estudar. Dessa forma balizando o futuro planejamento de um programa para auxiliar no desenvolvimento de hábitos e habilidades de estudos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com quatro das seis turmas que compõem o curso técnico integral e integrado de Agropecuária do campus Belo Jardim, situado no agreste pernambucano, do IFPE. Ela foi realizada com apenas quatro turmas, pois eram as turmas da professora/pesquisadora e os questionários foram aplicados em horário de aula. Uma turma era de primeiro ano, duas de segundo ano e uma de terceiro. Dessa forma, houve representatividade dos três anos do curso. No total participaram noventa e quatro alunos.

Para o levantamento das concepções sobre o estudar dos discentes foi solicitado que respondessem um questionário com cinco perguntas abertas no qual foram indagados: 1) Para você, o que é estudar?; 2) Para que você estuda?; 3) Para você, como deve ser o estudo?; 4) O que te estimula a estudar?; 5) O que te desestimula a estudar?

A escolha por questões abertas se deu na intenção de garantir que o que seria expresso era o que o aluno pensa, permitindo que se expresse livremente. Tendo em vista também que esse foi o primeiro contato com a opinião dos alunos no que tange o assunto, evitou-se forçar concepções com possibilidades previamente escolhidas.

A análise das respostas foi realizada utilizando-se as bases da Análise de Conteúdo com enfoque quantitativo e qualitativo (BARDIN, 1977; RICHARDSON, 2008). Os textos foram fragmentados, classificados e agrupados em eixos representativos, podendo um texto para uma única questão ser classificada e agrupada em diferentes eixos representativos. Os eixos das respostas foram determinados pela autora a partir dos dados obtidos.

A metodologia qualitativa visou a interpretação, a descrição e entendimento de realidades e perspectivas humanas. Para complementar os dados qualitativos, foi feito uso da metodologia quantitativa, para dar ênfase, em termos de porcentagem simples, às respostas mais citadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciar a apresentação dos resultados e discussão, há necessidade de contextualização do curso e suas especificidades. O curso de Agropecuária é integrado (alunos obtêm diploma do ensino médio e técnico) e integral (estudam de manhã e tarde). Um curso que teria quatro anos de duração, tem apenas três. Outra peculiaridade é que os alunos, em muitos casos, provêm de outras cidades menores e da região rural. O campus Belo Jardim oferece para os discentes que são de locais mais distantes o sistema de internato, no qual os alunos moram no campus, enquanto outros fazem a viagem todo dia para suas residências.

Outro ponto que merece ser ressaltado é a escassez de referencial teórico sobre o estudar. No que tange concepções de estudo, encontrou-se apenas um trabalho sobre alunos do ensino superior comparando o estudo com o do ensino médio. Existem diversos trabalhos portugueses e sul-americanos com relação ao aprender e concepções de aprender. Destaca-se que o estudar é uma das etapas do aprendizado, assim, estão intimamente ligados. Nessa discussão, ocasionalmente, serão feitas aproximações por causa da falta de referencial sobre o assunto em questão.

3.1 Para você, o que é estudar?

Ao analisar as respostas percebe-se que muitos alunos entendem esse processo como uma maneira de formar e aprofundar conhecimentos (gráfico 1). Essa realmente é a ideia do estudar. Os alunos que responderam citando técnicas de estudos, o entendem como algo processual. Para além

disso, é importante ressaltar os alunos que acreditam que estudar significa assistir aula. Piazzzi (2009), ressalta que assistir aula e estudar são fases distintas no processo de aquisição do conhecimento, no qual em um se entende e no outro se apreende os conteúdos. A crença de que a aula é suficiente pode levar a problemas nessa aprendizagem e consequente desempenho cognitivo.

Outras respostas, menos citadas, mas que também merecem destaque mostram que estudar forma conhecimento útil para vida. Também que é uma atividade que precisa de determinação e interesse, como visto nessa fala:

“Estudar para mim significa um tipo de uma determinação, muito importante na vida da gente. Então estudar, seja qualquer escola ou qualquer lugar, pra mim não vai depender da escola e sim da sua força da vontade. Se você se esforçar e quiser aprender, aprende.”

Uma concepção que mostra uma posição mais aprofundada com relação ao processo, entende-o como uma forma de se relacionar com o mundo e poder obter independência. Por meio do estudo o aluno é capaz de entender o mundo ao seu redor, se posicionar, ter certa independência e capacidade de obter informações, e a partir delas chegar às suas próprias conclusões. Não mais apenas recebendo passivamente as ideias dos outros. Ao se relacionar com um aluno, o professor não pode esquecer dessas concepções intrínsecas e que são essenciais no momento de estimular comportamentos adequados nos discentes.

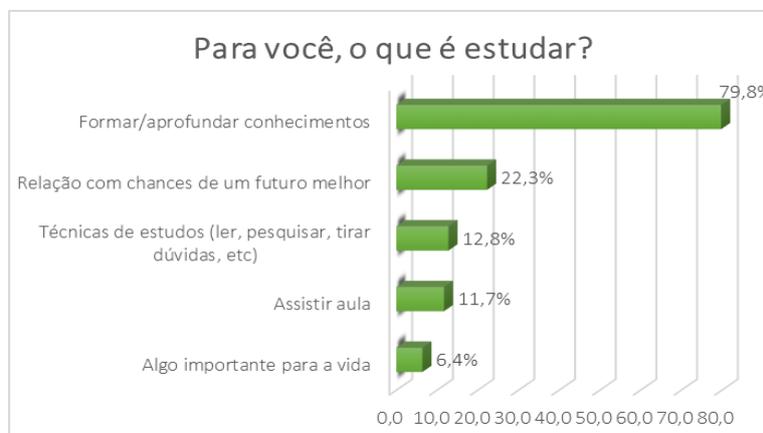


Gráfico 1: respostas mais citadas no que diz respeito ao que é estudar.

3.2 Para que você estuda?

Percebe-se, no gráfico 2, que a força motriz gira em torno de ter a possibilidade de um futuro melhor, evoluir na vida, realizar sonhos, superar limitações. A segunda concepção que mais apareceu, também se relaciona com o futuro, de forma mais explícita, conseguir um bom emprego e ganhar dinheiro. Em quarto lugar apareceu, de forma mais vaga, ser alguém na vida, que também

indica uma preocupação com o futuro. Essa crença de que com o estudo terão mais chances na vida também foi encontrada por Madaleno (2011). Ele perguntou a alunos se acreditavam que quando estudam têm mais possibilidades profissionais e mais de 85% respondeu que sim.

Os discentes entendem que por meio dos estudos poderão ter chances de um bom futuro. O professor deve saber tirar proveito dessa força e utilizá-la para “empoderar” os alunos, que muitas vezes se veem em situação desfavorável.

A terceira concepção mais citada foi ter conhecimento para se relacionar melhor com o mundo, ser melhor e construir um mundo melhor, ter opinião crítica. Aqui os alunos demonstram um intuito de estudar pela simples vontade de aprender e poder “participar” do mundo. O estudante deve ser estimulado a todo momento a tomar sua vida em suas mãos. O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) (2000), deixa claro que ter e gerar conhecimento e, o professor habilitar o aluno a fazer isso, é fator essencial de inserção na sociedade.

Surgiu também a concepção de que se estuda para tirar boas notas, passar de ano, etc, ou seja, preocupação com o prosseguimento nos estudos. Piazzzi (2009), comenta que “existe uma cultura que acha que o aluno está na escola para ir bem na prova” (p. 47). O autor segue falando que muitas escolas cometem o equívoco de acreditar que um bom aluno é aquele que tira boas notas. Dessa forma ensina-o a encarar a nota como objetivo, e não como sinal do seu aprendizado.

Quando isso se torna meta então leva-o a estudar apenas “de véspera”, pois assim as informações ficam na memória de curto prazo e depois do momento em que foram requisitadas, a prova, podem ser esquecidas. Esse comportamento é danoso, pois se eles não aprenderam o assunto, um novo não poderá ser ensinado, tendo em vista que não haverá conceitos subsunções para ancorá-los.

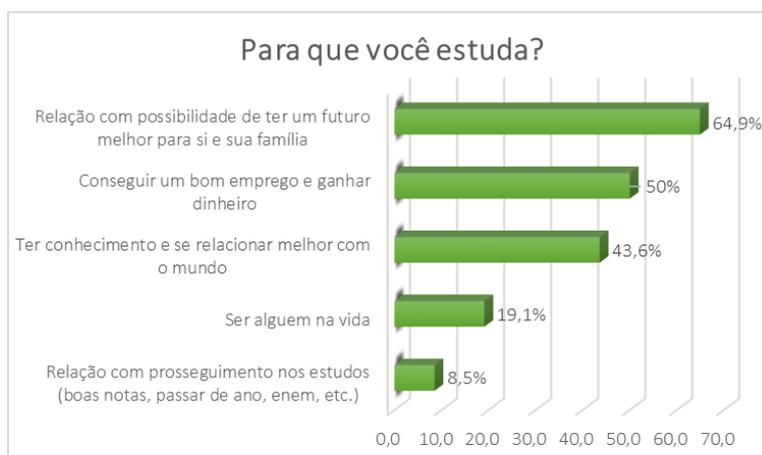


Gráfico 2: respostas mais citadas no que diz respeito a para que você estuda.

3.3 Como deve ser o estudo?

Com a maior porcentagem de citações (42,6%) no gráfico 3, encontra-se que ele deve ser descontraído, dinâmico, divertido, entre outras características que levam o estudo para um lado positivo. Essa resposta é sinal de que o estudar tem conotações negativas e que pode afastar os alunos. Isso não foi o que Madaleno (2011), em Portugal, encontrou em seus estudos, quando questionou aos discentes se estudar era sempre algo chato, apenas 12,46% responderam que sim.

Por outro lado, 20,2% das concepções giram em torno do fato que ele deve ter objetivos pré-estabelecidos, ser bem estruturado, planejado e exige responsabilidade e esforço. Carita *et al* (2006, *apud*, Aveiro, 2014) comentam que esse processo de planejamento é essencial para que o estudo tenha qualidade. Acreditam que isso é tão importante para o resultado final quanto o tempo que se passa estudando. Uma fala que representa isso é quando uma aluna diz:

“Para mim o estudo deve ser focado, tem que vir em primeiro lugar. ”

Também apareceram concepções processuais, ou seja, realmente como o estudo deve se desenvolver, por meio de pesquisas, vídeos, aprendendo a ler e a escrever, deve permitir erros e acertos, pode ocorrer em grupo. Sobre o fato de poder ser coletivo uma aluna comenta:

“Para mim é a gente juntar um grupo de amigos, cada um levar seu livro e estudar um perguntando para o outro, sem ficar de gracinha ou palhaçada, só estudo. ”

Quando alguns alunos mencionam atividade prática, percebe-se que acreditam que estudar significa assistir aula e sugerem estratégias de ensino. Em consonância com essa ideia também surgiram as concepções que deve ser com bons professores, haver atenção nos mesmos e nas aulas, com uma metodologia que se adapte às necessidades da turma, com atividades valendo ponto, etc. Isso é preocupante, pois se os mesmos acreditam que estudam em sala, pode ser que esse processo não esteja ocorrendo na realidade.

Confusão semelhante ocorreu na pesquisa de Santos e Boruchovitch (2011) com professores. Os autores questionaram professores sobre o que seriam estratégias de aprendizagem e constataram que, embora os mesmos dissessem que conheciam o conceito de estratégias de aprendizagem, 82,9% demonstrou confundi-lo com estratégias de ensino.

O que deve ser a função básica do estudo é gerar aprendizado (8,5%). Deve-se deixar claro para o aluno que se ao final ele diz que não aprendeu nada de novo, essa sessão de estudos não foi proveitosa. A fala dessa aluna diz respeito que independe o como se estuda, contanto que aprenda:

“Para mim o estudo pode ser de qualquer jeito, desde que dê para ter um bom aprendizado do assunto estudado.”

Há também menções sobre o espaço do estudo, como ser em um lugar tranquilo, sem distrações, organizado, etc. Aveiro (2014), corrobora com as concepções apresentadas por 8,5% dos alunos, ela comenta que a melhor estratégia é estudar em um espaço tranquilo, sem ruídos e interrupções. Isso é importante, pois gera uma boa atmosfera servindo para incentivar o estudante.

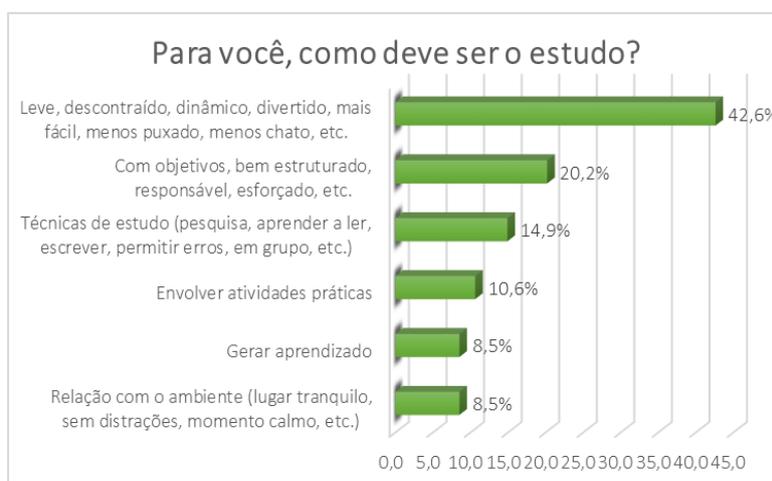


Gráfico 3: respostas mais citadas no que diz respeito a como deve ser o estudo.

3.4 O que te estimula a estudar?

Percebe-se no gráfico 4 que as três primeiras concepções que mais apareceram corroboram com os motivos pelos quais os alunos estudam: a possibilidade de um futuro melhor, conseguir um emprego e ter dinheiro e adquirir novos conhecimentos. Os dois primeiros fatores são extrínsecos, ou seja, o estudo é realizado tendo em vista algo exterior à atividade, como consequência ou resultado. Esse tipo de motivação leva a uma relação mais superficial com o conhecimento. Em terceiro lugar ficou adquirir novos conhecimentos, esse estímulo é mais forte, pois é intrínseco. São levados a estudar para aprender, tem um fim em si mesmo. Observa-se o prazer de conhecer na fala a seguir:

“O fato de aprender, por exemplo: alguém te pergunta algo e você sabe responder de forma correta. É uma sensação maravilhosa, pois você aprendeu sobre aquilo. Também ter interesse por algo e se aprofundar nele.”

Outra concepção que apareceu foi que se sentem estimulados por assuntos interessantes (16%), como a fala acima também representa. Quando o assunto desperta curiosidade e desejo de entender mais, então naturalmente sentem vontade de estudar, sendo também um estímulo intrínseco. Madaleno (2011), também encontrou em sua pesquisa que os discentes disseram que facilita o estudo, gostar do conteúdo.

Também foi constatado o poder da família e dos amigos de estimular o estudante. O processo de aprendizagem envolve não só a escola e o aluno, mas também a família (PIAZZI, 2009). O apoio das pessoas próximas, salientando que são capazes de estudar e realizar tarefas pode aumentar a estima do aluno e leva-lo a ter mais confiança em si e determinação, fatores essenciais para um desenvolvimento cognitivo de qualidade. Além disso, quando o aluno ainda não tem clara a importância do estudo os pais estão na obrigação:

“Estudo porque minha mãe me obriga.”

Concepções menos citadas, mas que também são relevantes de serem discutidas foram a vontade de passar de ano e permanecer em programas da escola que são atreladas à nota. Isso mostra que alguns estudam apenas pela nota, e não para aprender. Esse tipo de motivação é fraco e perigoso, pois estimula o estudo de véspera e superficial.

Outra concepção importante que surgiu é a influência do professor. Um professor dinâmico, que explica bem, se comunica com os alunos e tira suas dúvidas, é fator essencial para levar o aluno a estudar. Resultado semelhante encontrado por Madaleno (2011), no qual os alunos disseram se sentir mais estimulados quando o ensino é mais atraente e variado.

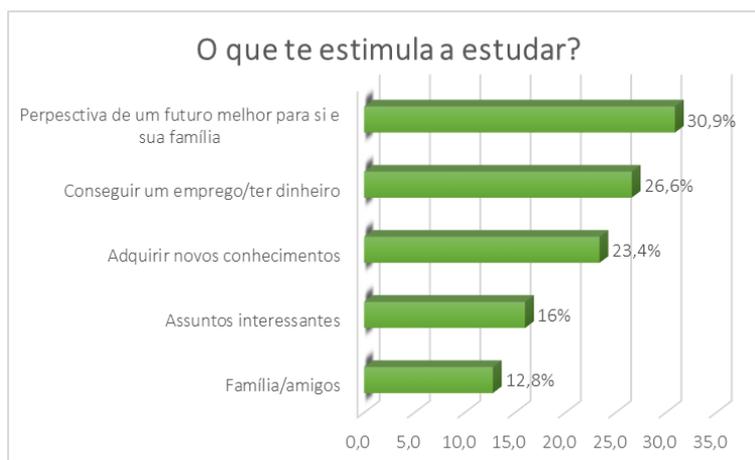


Gráfico 4: respostas mais citadas no que diz respeito à o que estimula a estudar.

3.5 O que te desestimula a estudar?

Com o maior número de citações (gráfico 5) apareceu a carga horária pesada, concepção essa também encontrada em Madaleno (2011). No curso técnico integrado e integral de agropecuária os alunos estudam a manhã e tarde inteira. Costumam ter por volta de 18 matérias por ano. Além disso, os alunos podem se envolver com monitorias de disciplinas, ou serem bolsistas ou voluntários em projetos de pesquisa ou extensão. O tempo que os alunos possuem para estudar e desempenhar seus papéis de monitores, bolsistas ou voluntários é apenas a noite e finais de semana.

Piazzini (2009), defende que o assunto que foi entendido, em aula, no dia, deve ser estudado no mesmo dia, se não corre o risco de esquecimento. Isso é realmente importante, porém esses alunos possuem aula das 7h30 às 17h50 com 10 minutos de intervalo no meio da manhã e mais 10 a tarde e 1h40 para o almoço. Além disso, alguns moram distante da escola, demorando ainda cerca de 1 a 2h para chegar em casa e acordar bem mais cedo no outro dia para chegar no horário da aula na escola. Com essa carga horária os alunos terminam o dia cansados e ainda tendo que estudar as aulas que tiveram e reservar algum momento de lazer.

Como consequência dessa carga horária, em segundo lugar apareceu o cansaço e o sono (28,7%). Primeiro, deve-se entender que durante a adolescência eles apresentam uma necessidade de descanso maior que um adulto, de 9h a 9,5h, pois ainda estão em fase de crescimento e no pico de desenvolvimento cerebral (CIAMPO, 2012). O autor segue comentando que, também naturalmente, o ciclo sono-vigília dos adolescentes se atrasa, fazendo com que durmam mais tarde e, conseqüentemente, queiram acordar mais tarde.

Além dessas características biologicamente determinadas que naturalmente iriam dificultar o processo de aprendizagem e estudo, vários outros elementos pioram esse desempenho. Televisão, dispositivos eletrônicos, como computadores, tablets e celulares em excesso, festas, importância das relações interpessoais, etc, concorrem com o tempo de sono e fazem que ele seja diminuído. Ciampo (2012), comenta que um sono prejudicado está associado a problemas comportamentais, neurocognitivos e distúrbios de aprendizagem e déficit de atenção.

Outro fator que desestimula, citados pelos estudantes, são as atitudes de alguns professores, que parecem ter prazer em reprovar, não explicam direito, não apoiam o aluno, etc. Características negativas que mostram influência direta no aluno. Como comentamos no tópico acima, um professor pode estimular com características positivas ou exatamente ao contrário. As falas abaixo mostram como o professor pode desestimular o estudo e conseqüente aprendizagem:

“Tem um professor que não gosto do modo como ele ensina, exemplo: digo que não entendi a explicação e ele diz que só sabe aquele modo de explicar, nem tenta de outra forma.”

“Me desestimula o fato de muitas vezes o professor não ser tão interessado na nossa aprendizagem, mas sim em ‘dar sua aula’ da maneira que se sentir melhor. Muitas vezes a aula é de ‘qualquer jeito’, pois dando um bom conteúdo ou não receberia seu salário.”

Do mesmo jeito que assuntos interessantes estimulam, conteúdos considerados difíceis (21,3%) desencorajam. Madaleno (2011), também comenta que o discente tem a tendência a descartar e não estudar esse tipo de assunto. Assim, o professor deve se preocupar com estratégias de ensino que tornem os assuntos de difícil compreensão mais fáceis de serem entendidos.

Como mencionado, as distrações (11,7%) competem de forma direta pela atenção. Sendo uma atividade muito mais prazerosa e que envolve pouco esforço cognitivo, os alunos irão preferir isso. Outro ponto é que muitos alunos moram na escola, no sistema de internato, ou seja, não possuem um responsável que controle o tempo gasto com essas distrações e os façam estudar.

Com 9,6% merece ser comentada a concepção de problemas familiares, com amigos ou pessoais. Aveiro (2014), diz que estados afetivos e emocionais são cruciais no desempenho do aluno, e quando há problemas com essas pessoas, ou uma baixa autoestima a vontade de estudar do aluno é diretamente afetada. Sabe-se que na adolescência há um turbilhão de emoções devido aos hormônios, então essa é uma questão que merece atenção pelo setor de apoio da escola.

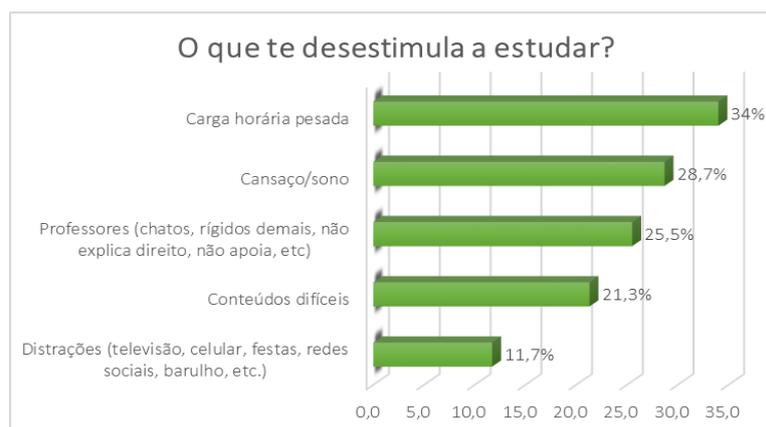


Gráfico 5: respostas mais citadas no que diz respeito à o que desestimula a estudar.

4. CONCLUSÃO

O intuito do período escolar é fazer com que o aluno aprenda e desenvolva conhecimentos que são necessários para a formação de um cidadão crítico e participativo. Para que isso possa

acontecer a atitude de estudar deve ser estimulada e desenvolvida nos alunos. Estudar é o processo no qual as informações entendidas em sala serão apreendidas e fixadas após uma adequada noite de sono.

O levantamento de concepções realizado foi importante para ter uma ideia do que os alunos entendem por estudar. Eles podem acreditar que estão estudando, mas talvez o problema possa estar em o que definem como estudo e como ele deveria se processar. Por exemplo a concepção de que estudar significa assistir aula é preocupante.

Além disso, ter conhecimento do que estimula e desestimula também é crucial, pois se desejamos desenvolver esses hábitos e habilidades nos discentes devemos saber esses fatores. Por exemplo, quando dizem que estudam para um futuro melhor, para obter emprego, passar de ano, entre outras coisas, devemos perceber que esses são fatores extrínsecos e fazem com que se relacionem com o estudo e a aprendizagem de forma superficial.

Certos comportamentos que o professor pode ter também são importantes saber, para desenvolver os positivos e tentar mudar os negativos. A carga horária pesada e o cansaço que foram muito citados é importante, pois pode levar o curso a uma possível reformulação, bem como o professor a uma mudança em sua aula, proporcionando pequenos momentos para que o aluno inicie seu estudo em sala. Pois, se passar a aula toda entendendo o conteúdo e não houver momento para estudar, ou seja, apreender, muitas vezes será como se a aula não tivesse sido ministrada.

Sabe-se que o conhecimento é construído a partir do que já está no cognitivo, então ter noção dessas concepções é crucial para um melhor desenvolvimento das atividades didáticas e pedagógicas que envolvem os alunos.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro S. Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 6, n. 2, 2002, p. 155-165. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000200006> Acesso em 04 abr. 2016.

AVEIRO, Maria Luísa Figueira da Silva. **Hábitos de estudo e competências cognitivas em alunos do terceiro ciclo e secundário**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2014. Disponível em <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4497/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20final.pdf>> Acesso em 04 abr. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 12, n. 2, 1999, p. 2-15. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18812208>> Acesso em 04 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)** – Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>> Acesso em 04 abr. 2016.

CIAMPO, Luiz Antônio Del. O sono na adolescência. **Adolescência e saúde**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 2, abr/jun 2012, p. 60-66. Disponível em <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=317#> Acesso em 01 mai. 2016.

FONSÊCA, Patrícia Nunes da, *et al.* Escala de hábitos de estudo: evidência de validade de construto. **Avaliação psicológica**, Itatiba, vol. 21, n. 1, abr. 2013, p. 71-79. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000100010> Acesso em 04 abr. 2016

GRACIÓ, Maria Luisa Fonseca; CHALETA, Maria Elisa Rolo; ROSÁRIO, Pedro. Conceptualizações sobre o aprender ao longo da escolaridade. **Interações**, vol. 3, n. 6, 2007, p. 197-214. Disponível em <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/340/295>> Acesso em 01 mai. 2016.

MADALENO, Manuel Cerdeira. **Olhares sobre o estudo dos alunos**: trabalho exploratório no ensino secundário. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Centro de Competências de Artes e Humanidades, Universidade da Madeira, Madeira, 2011, Disponível em <<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/334/1/MestradoAnt%C3%B3nioMadaleno.pdf>> Acesso em 04 abr. 2016.

PIAZZI, Pierluigi. **Ensinando Inteligência**. São Paulo : Aleph, 2009

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, Osmar José Ximenes; BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem e aprender a aprender: concepções e conhecimento dos professores. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, vol. 31, n. 2, 2011, p. 284-295. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200007> Acesso em 01 mai. 2016.